

# O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM TEMPOS DE AFASTAMENTO SOCIAL: LUGAR DE FALA DE ESTUDANTES DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

---

**DENIZE TOMAZ DE AQUINO**

Professora da Universidade de Pernambuco-UPE/ *Campus* Garanhuns e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, denize-aquino@yahoo.com.br

## RESUMO

A pesquisa discorre sobre as falas dos estudantes do curso de licenciatura em geografia, da Universidade de Pernambuco, *Campus* Garanhuns, com relação às vivências na disciplina estágio supervisionado I e III nas escolas-campo de estágio no processo de formação de futuros professores, em um momento de distanciamento social, no contexto da pandemia da covid-19. Como questão de partida, ela relata de que forma o estágio supervisionado da licenciatura em geografia precisou ressignificar saberes e metodologias em um contexto de distanciamento social provocado pela covid-19. Teve como objetivo compreender por meio das narrativas dos estudantes o processo de constituição do estágio supervisionado no contexto do afastamento social provocado pela pandemia da covid-19. Os achados estão sistematizados em autores que discutem a temática sem pretender alcançar a exaustividade. A metodologia baseia-se na pesquisa qualitativa, de abordagem histórico-dialética que envolveu duas turmas do curso de licenciatura de geografia, com um total de 51 estudantes, de ambos os sexos com média de idade de 23 anos. Para a coleta de dados, foi feito o uso de entrevista semiestruturada de forma coletiva, previamente agendada via *Google meet*. A técnica para o tratamento dos dados foi a análise de conteúdo que possibilitou duas categorias a partir da interpretação e inferência dos dados. Os dados apontam o ressignificar a formação na licenciatura e o papel da universidade na relação com a escola básica nesse processo de formação.

**Palavras-chave:** Falas de estudantes, Estágio supervisionado, Licenciatura em geografia, Afastamento social.

## INTRODUÇÃO

**E**stamos em um momento histórico, social, político e econômico em nosso país e no mundo permeado de constantes mudanças provocadas pela pandemia que afetou a geopolítica mundial em um momento atípico de enfrentamento de uma doença grave que resultou no afastamento que não víamos desde a gripe espanhola.

O vírus que estava do outro lado do mundo, em 2019, passou a fazer parte de nossas vidas sem que estivéssemos preparados para isso. Um vazio desolador nas ruas e espaços por um longo tempo de nossas vidas no início de 2020 nos fez refém de um vírus que se espalhava pelo mundo e exigiu de nós a reinvenção do cotidiano escolar.

Houve reinvenção e resistência em todos os setores da sociedade, nos desafios do ensinar e do aprender. As rotinas de trabalho foram modificadas, os docentes das escolas tiveram que ressignificar a vida nesse momento de pandemia que nos tirou do convívio social e nos afastou bruscamente das pessoas.

Diante desse cenário, as escolas tiveram que ser fechadas, os protocolos sanitários e medidas de saúde adotados fizeram com que todos os países fossem obrigados a rever as suas políticas e adotar medidas restritivas.

O distanciamento social se tornou uma medida restritiva no panorama de acelerado crescimento da pandemia, e as escolas mesmo com despreparo, sobretudo, no seu ambiente físico e conhecimento de tecnologia básico, foram obrigadas a se adaptar.

Assim, o Sistema Educacional foi obrigado a passar por transformações significativas, e o Ministério da Educação (MEC), através da Portaria nº 343, de 17 de março de 2020, autorizou as instituições de ensino a substituírem suas aulas presenciais, por aulas remotas, por meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus.

Isso posto, com o intuito de combater a pandemia do novo coronavírus (*Sars-CoV-2*), no Brasil, oficializada em março de 2020, as redes de ensino públicas e privadas tiveram, por determinação da Secretaria de Saúde do Estado de Pernambuco, que suspender suas atividades presenciais, acarretando a inserção da modalidade do ensino remoto, de modo que os educadores precisaram moldar seus conteúdos e os estudantes adaptarem-se ao novo formato de estudos.

De acordo com Aquino *et al.* (2021), o ensino presencial se tornou inviável pela sua natureza de aglomerar pessoas. Dessa feita, até o momento tem prevalecido o reconhecimento da autonomia de estados e municípios quanto à adoção dessas medidas de emergência por meio de protocolos sanitários que digam respeito à saúde pública.

Tal medida restritiva por meio dos protocolos sanitários perturbou o cotidiano das escolas e, na sequência, o distanciamento social para tentar reduzir a infecção entre pessoas infectadas por meio das gotículas respiratórias.

Assim, novos métodos de ensino tiveram que ser oferecidos, fazendo com que todos os envolvidos se reinventassem. Como solução emergencial, adotou-se o ensino remoto, que, apesar de se fazer necessário no cenário atual, trouxe restrição à interação social e levou alunos e professores à obrigatoriedade de se reinventar, às vezes, sozinho, dentro de casa, e com o recurso (quando possível) de uma tela digital onde o computador não é mais ferramenta de luxo, e sim material de trabalho.

Em muitos casos, o ambiente doméstico passou a ser o ambiente de trabalho ou de atividades de ensino dos filhos que repercutiu e repercute em cada pessoa no plano individual e coletivo, o que gerou uma resistência enquanto subsistência nesse contexto de pandemia.

O mais agravante não foi a falta de acesso ao contexto digital, mas, sobretudo, não saber utilizar esse recurso por uma parcela significativa de professores que revelou um retrato existente na escola que a pandemia escancarou com nitidez.

Seguindo o pensamento de Alfaro; Clear e Giraffa (2020):

“O contexto pandêmico apenas reforçou algo que já está sendo discutido faz anos: o (re) estruturar e o (re) pensar a formação docente para atuar no mundo digital em que vivemos, em que uma cultura digital estabeleceu de maneira irreversível, com impactos significativos na maneira como que se produz e se consome conhecimento”. (ALFARO, CLEAR & GIRAFFA, 2020,p.18)

Dado o exposto, vamos ter que aprender para o momento futuro presencial e não presencial, ensino híbrido, vamos ter que conviver com as novas formas de ensinar, porque elas vão andar juntas nesse contexto, e tais questões devem ser discutidas nas academias, sobretudo, na formação de professores.

De acordo com Martins *et al.* (2018), é preciso ressignificar saberes, visto que o professor em formação, a partir daí, passa a ser o mediador de novas práticas do ensinar e aprender que precisaram ser enfrentadas pelas escolas, as quais foram obrigadas a implantar, de maneira despreparada, o Ensino Remoto Emergencial (ERE).

Provocada por essa realidade, a pesquisa se voltou para uma escuta de estudantes no processo de formação e professora da escola básica campo de estágio atuando no ensino remoto, em um contexto atípico de trabalho a distância nessa etapa de ensino.

Diante do exposto, e no entendimento de que o estágio supervisionado está voltado para o processo do formar e formar-se, trazemos as seguintes questões de partida: de que forma o estágio supervisionado da licenciatura em geografia precisou ressignificar saberes e metodologias em um contexto de distanciamento social, considerado atípico para o que se estava trabalhando?

É mister também compreender: de que forma tais mudanças poderão contribuir para um deslocamento das práticas pedagógicas que estavam sendo vivenciadas até o momento da pandemia? Como objetivos, citamos: compreender por meio das narrativas desses estudantes o ressignificar a prática de ensino do estágio supervisionado nas escolas-campo em tempos de afastamento social.

Nesse sentido, trazemos resultados de um estudo desenvolvido no primeiro semestre de 2021, que envolveu 51 estudantes do curso de licenciatura em geografia da Universidade de Pernambuco-UPE/*Campus* Garanhuns.

O interesse pelo tema que versa sobre o estágio supervisionado em tempos de afastamento social e o lugar de fala de estudantes de licenciatura em geografia devem-se pelo envolvimento enquanto professora da disciplina e pela escuta das falas desses estudantes em meio ao momento atípico durante as atividades do estágio supervisionado, as condições estabelecidas pelas escolas, em que as Secretarias de Educação optaram pela substituição das aulas presenciais por aulas remotas fazendo uso de meios digitais, com a utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) com base na legislação vigente (BRASIL, 2020).

O *corpus* da investigação constitui estudantes de ambos os sexos, com média de idade de 23 anos, que estavam atuando no estágio supervisionado I inicial, sendo Ensino Fundamental (6º e 7º anos) e Estágio-III, ocorrendo no Ensino Médio (1ª e 2ª séries), com carga horária nas escolas de 30 horas.

Em conformidade com Pimenta e Lima (2012), o estágio se configura como um componente curricular primordial para todo o processo de formação durante o curso de licenciatura e se constitui como um espaço necessário de aprendizagem para o futuro profissional em formação enquanto ator e autor.

É no estágio supervisionado que esse futuro professor percebe as teorias de formação, a necessidade de ressignificar seus saberes docentes e a diversidade de troca de experiência entre o vivido na universidade e os acontecimentos na escola na produção dos conhecimentos para a construção da identidade.

Assim, a pesquisa está ancorada em uma perspectiva crítica, estabelecendo diálogos com autores que discutem o estágio supervisionado na formação de professores, como também a integração da universidade com a escola nesse momento de isolamento social.

Considerando esse contexto, o caminhar metodológico do estudo tem natureza qualitativa de abordagem histórico-dialética que envolveu estudantes do curso de licenciatura em geografia cujo critério de adesão foi estar regularmente matriculado na disciplina estágio supervisionado I e/ou III. O objeto da investigação foi a entrevista semiestruturada, em um espaço de diálogo, via *Google meet*, momento fundamental para a construção da pesquisa.

Os achados estão sistematizados por meio da técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011), que possibilitou a análise das seguintes categorias: a atuação do estágio supervisionado nas escolas com ensino remoto; e a atuação do estágio supervisionado direcionado para a prática das atividades no afastamento social.

Avaliando essa compreensão, a pesquisa repousa na possibilidade de estabelecer diálogo entre as diferentes propostas considerando os vários pontos de aproximação e afastamento com o universo de discussões sobre a temática, que, embora com outras preocupações, possuem contribuições que se complementam.

## METODOLOGIA

A pesquisa teve como cenário de investigação duas escolas públicas da rede estadual de ensino, localizadas no município de Garanhuns, agreste meridional do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil.

Situada na abordagem histórico-dialética, de cunho qualitativo-interpretativo (Minayo, 2013); (Bogdan e Biklen, 1994), indaga: de que forma o estágio supervisionado da licenciatura em geografia precisou ressignificar saberes e metodologias em um contexto de distanciamento social considerado atípico para o que estava sendo desenvolvido onde as escolas se encontravam despreparadas?

Trata-se de uma pesquisa desenvolvida no primeiro semestre de 2021, que contou com 51 estudantes do curso de licenciatura em geografia, da UPE/Campus Garanhuns, assim distribuídos: 24 do quinto período e 27 do sétimo período, de ambos os sexos e com idade média de 23 anos.

A escolha dos participantes se pautou em três critérios: primeiro, ser estudante do curso de licenciatura em geografia; o segundo, estar regularmente matriculado na disciplina estágio supervisionado obrigatório I (inicial) e estágio supervisionado obrigatório III (final); e o terceiro, estar atuando nas escolas-campo de estágio.

Assim, para compreender cada momento da investigação no sentido de atingir os objetivos propostos, utilizamos como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada, com perguntas abertas e fechadas, acompanhada do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), previamente agendada e trabalhada de forma coletiva, inclusive com a participação da professora da escola-campo de estágio, por meio de uma roda de conversa, com duração de dois dias, via *Google Meet*, gravada com a permissão de todos os participantes onde foram ouvidas as falas dos estudantes e a da professora, na interação indissociável entrevistador/entrevistados.

De acordo com Kramer (2007), “[...] nas entrevistas coletivas, as pessoas podem falar e se escutar, a influência institucional parece diluir-se ou diminuir; a linguagem produzida (o discurso) parece revelar maior autenticidade” (KRAMER, 2007, p.73).

Para Bogdan & Biklen (1994), as entrevistas em grupo podem transportar o entrevistador para o mundo do sujeito. Nesse encontro entre pessoas e, ao mesmo tempo, em processo de aproximação, revela-se uma boa forma de obter novas ideias sobre temas que poderão ser explorados mais tarde que não se consegue em entrevistas individuais.

As questões que permearam o percurso da pesquisa buscaram descobrir o exercício da docência desses estudantes em relação à disciplina estágio supervisionado diante do contexto de pandemia e do isolamento social provocado pela covid-19, e de que maneira esses estudantes atuaram remotamente em suas práticas de ensino.

Com relação à professora, buscamos compreender como estava sendo a atuação no exercício da docência, remotamente, tendo em vista limites e possibilidades enfrentadas como professora da rede pública de ensino, das questões do espaço físico da escola diante dos protocolos da vigilância sanitária.

A escolha desse método se justifica pela possibilidade de estabelecer confrontos entre o que foi proposto como metas a serem alcançadas no programa da disciplina a partir do olhar do pesquisador e o dizer nas falas dos envolvidos na pesquisa, o que poderá possibilitar interrogativas, resultantes de novas hipóteses na relação pesquisador e entrevistados (MINAYO, 2013).

Assim, a partir das informações obtidas na pesquisa, foi utilizada a técnica da análise de conteúdo de Bardin (2011) conforme a autora define: “[...] três polos cronológicos”, aqui chamados de três etapas: a-pré-análise; b-exploração do material; c- inferência ou interpretação (BARDIN, 2011, p.95). Tais inferências em termos de aproximações se constituíram em temas ou categorias, apresentadas na análise dos resultados a seguir.

A respeito dessa questão, faz-se mister esclarecer que na análise dos resultados, no sentido de garantir a preservação e o anonimato dos participantes, para fins de referência, o *corpus* desta pesquisa será denominado pelos códigos: (E), para identificação dos estudantes e para as falas, uma numeração sequencial, assim representado: (E, 1 ...E, 51).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das inferências teóricas, em vista do objetivo da pesquisa, o processo de tratamento dos dados das falas dos estudantes de licenciatura em geografia na atuação do estágio supervisionado em tempos de afastamento social, por conta da pandemia, implicou a concatenação das respostas dos resultados das entrevistas e possibilitou emergir duas categorias de análise, a saber:

1. atuação do estágio supervisionado nas escolas com ensino remoto; e
2. atuação direcionada para a prática de ensino durante o afastamento social.

No tocante à atuação do estágio supervisionado nas escolas com ensino remoto nesta categoria, emergiram o despreparo dos profissionais de educação para esta modalidade e, sobretudo, o despreparo da escola conforme relatam (E, 31 e E, 16)



“Muitos dos professores da escola-campo de estágio mostraram falta de conhecimento com relação à tecnologia exigida para atuar no ambiente virtual, porém a escola se mostrava conivente com a falta de estrutura, tanto dos alunos como dos professores, para atuar de forma remota e nós tivemos de nos adaptar à situação juntamente com a professora da escola”.

Esse descaso com a situação vigente muitas vezes converge para o que Freire (2006) ressalta: “[...] A ideologia do poder não apenas opaciza a realidade, mas também nos torna míopes, para não ver claramente a realidade [...]”. O autor revela a inserção de uma visão domesticadora, a partir de uma cultura de dominação (FREIRE, 2006, p.13).

Nos relatos dos estudantes, percebe-se que essas escolas-campo de estágio não estavam preparadas fisicamente bem como no seu corpo administrativo para uma mudança tão radical como foi a do ensino remoto.

Tomando como base a proposta de Freire (2002), ele nos aponta que a escola é transformadora em seu contexto e o ensino exige risco e rejeição, materializados na fala do estudante quando relata que:

“Mesmo com todas as adversidades foi possível realizar o estágio e de maneira satisfatória utilizando recursos didáticos diferentes, tais como jogos do passa ou repassa onde era lançada uma pergunta sobre o assunto trabalhado pela professora para um determinado aluno, caso este não soubesse responder passaria para outro de acordo com sua preferência e assim sucessivamente, até o resultado desejado e contextualizado. Tal experiência me fez esquecer que estávamos no ensino remoto, muito distantes um do outro. (E, 23)

Nesse sentido de transformação, a atuação dos estudantes durante o estágio supervisionado se mostrou desafiadora para o momento atual. Segundo a fala de (E, 20), “o estágio supervisionado se mostrou desafiador, considerando que não houve contato direto com os alunos ou com a professora supervisora”.

À guisa de informação, todo o contato com a escola foi feito via *WhatsApp* primeiramente com a gestão por meio da coordenação de estágio supervisionado da universidade. Após essa etapa, os estudantes entravam em contato com o/a professor/a da disciplina de geografia do 6º ano para o Estágio I e do 1º ano médio para o Estágio III e, assim, foi construído todo o processo de atuação para se efetuar o estágio.

Esse tempo de mudanças e distanciamento social nos remete a concordar com as leituras de Freire (2002) cuja escrita se apresenta bastante atualizada para o momento que estamos vivenciando na educação, quando nos fala que é necessário substituir esta educação tradicional por outra que esteja presente nas vivências e experiências do local e lugar onde a escola esteja situada e que haja dialogicidade e interação entre os envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

Com base em tal aceção, a atuação do estágio nas escolas procurou trabalhar na metodologia da dialogicidade entre os envolvidos para uma melhor compreensão do que se estava sendo estudado e, portanto, perceber o processo de ensino e aprendizagem mesmo no distanciamento.

Conforme nos relata a estudante a seguir: “Através do estágio, conhecemos a realidade da escola e aprendemos a aplicar as metodologias corretas para superar as dificuldades encontradas e facilitar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos” (E, 13), de acordo com Freire (2004), o saber é construído a partir da experiência.

Para Pimenta e Lima (2012), o processo do ensino-aprendizagem envolve experimentar situações de ensinar, aprender a elaborar, executar e avaliar projetos de ensino não apenas nas salas de aula, mas também nos diferentes espaços da escola.

Assim, todas essas experiências, que puderam ser vividas no período do estágio supervisionado, foram determinantes para a compreensão do que é ser um professor e ter uma ampla visão da prática pedagógica, além de poder traçar qual vai ser o seu perfil profissional.

Nesse sentido de viver a experiência no ato de ensinar na escola, trazemos a fala de (E, 17) quando relata que:

“Essas experiências com jogos eletrônicos no ensinar e aprender geografia no ensino fundamental foram bastante significativas e poderão ser usadas como base na nossa atuação como futuros profissionais comprometidos com uma educação de qualidade e uma educação transformadora e não opressora, como defendia o educador Paulo Freire”.

Dando prosseguimento, o estágio supervisionado é entendido como condição importante para a construção de autonomia pelo sujeito que se encontra em processo de formação e mais oportuniza perceber que cada escola tem um contexto social diferente e cada aluno carrega em si uma história única.

A categoria 2 - a prática de ensino no afastamento social - representou o momento de interação dos estudantes estagiários e a professora da escola-campo de estágio sobre as possibilidades de aplicar outras metodologias no ensinar e aprender a fim de trazer para o ambiente virtual práticas prazerosas, nas quais os alunos pudessem mostrar o rosto e se colocarem no aprendizado mesmo no distanciamento.

Assim, em comum acordo, emergiu a proposta do uso de tecnologias, como recurso didático, para trabalhar o conteúdo da geografia no contexto da sala de aula fazendo uso dos jogos eletrônicos *para o ensino-aprendizagem dos alunos, de maneira mais dinâmica diante desse momento de distanciamento social.*

Acatada a proposta, foram utilizadas as competências que regem a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), como referencial teórico destacado na quinta competência geral: Cultura Digital, que permeia as competências específicas dos componentes curriculares, ressaltando-se a importância de o aluno compreender, usar e elaborar ferramentas digitais de modo crítico, responsável e ético nas práticas sociais, para atender à demanda do mundo contemporâneo (NIZ *et al.*, 2020).

Ainda de acordo com o que rege a BNCC, a prática pedagógica deve ser repensada de modo a inserir a cultura digital em sua execução, realizada com a mediação docente entre o estudante e as tecnologias.

Nesse entendimento, as principais ideias se deram por jogos eletrônicos, *Minecraft*, *MiniWorld* e o *Árida*, utilizados como forma de apresentar características da Região Nordeste, e de outras regiões, assim como o desenvolvimento de paisagens tanto naturais quanto urbanas.

Diante do tempo de permanência do estágio supervisionado, foi escolhido o jogo *MiniWorld*. O interesse por este jogo se deve por estar disponível em plataformas gratuitas e de fácil acesso, e apresentar ferramentas de fácil compreensão, onde os estudantes foram capazes de explorar a criatividade de diversas maneiras com relação aos conteúdos trabalhados em sala pela professora durante todo o período do estágio supervisionado, tais como: o espaço geográfico da Região Nordeste, construções de casas, prédios, plantações, entre outros.

De acordo com Ramos (2008), os jogos eletrônicos combinam diferentes linguagens, imagens, sons e textos, *minigames*, jogos para computador (em rede ou não), os *softwares* para videogames, entre outros. Diz ainda que o computador aparece como uma ferramenta importante que pode servir

inclusive para melhorar o aprendizado dos alunos para além das limitações da sala de aula, estando, pois, repleto de infinitas possibilidades.

Amparando-se nesse aspecto, Mendes e Almeida (2019) confirmam esse fato de que “a Mediação Tecnológica trata de inclusão de recursos tecnológicos nos espaços educativos e reflete de que forma eles devem ser utilizados para não se tornarem apenas apetrechos tecnicistas” (MENDES E ALMEIDA, 2019, p.5).

De acordo com Silva; Araújo e Cruz (2021), a inserção dessas novas metodologias, apesar de toda uma discussão sobre as mesmas, foi fundamental para se sair do método tradicional da prática de ensino no contexto do ensinar geografia para o exercício do estágio supervisionado, no qual foram utilizados os jogos eletrônicos que se constituíram uma prática de ensino prazerosa.

A/O estudante E, 23 destaca que é “um sentimento de orgulho, pois é no estágio que podemos colocar em prática todo os nossos conhecimentos que adquirimos durante a graduação, e nesse momento de afastamento social, podemos vislumbrar a nossa capacidade criativa”.

Tais experiências foram bastante exultantes e permitiram a interação e a assiduidade dos participantes de todas as séries e idades trabalhadas, além do que os estudantes faziam uso do celular para o processo de ensino-aprendizagem baixando jogos e interagindo, o que propiciou, sobremaneira, tirar o foco do distanciamento.

Para (E, 19), “essa atividade buscou superar os obstáculos no processo de ensinar geografia que, talvez, no momento presencial não fosse possível e que no ensino remoto os medos para atuar como professora foram acabando”.

Dessa feita, é essencial sinalizar que no processo de formação docente é de suma importância que o futuro profissional tenha consciência de que o pensar inovações para o processo de ensinar não é nenhum presente, tampouco uma receita de bolo; pelo contrário, ele se descobre diante dos desafios dessa profissão e que há necessidade de querer e buscar o que se pretende no âmbito da profissão. Nesse olhar, é no estágio supervisionado que se percebem esses fazeres da profissão.

Na visão de Tardiff e Raymond (2000), os saberes ligados ao trabalho são temporais, pois são construídos e dominados progressivamente durante um período de aprendizagem variável, de acordo com cada ocupação. Essa dimensão temporal decorre do fato de que as situações de trabalho exigem conhecimentos, competências e aptidões.

É no período de atuação do estágio supervisionado que os estudantes licenciandos têm o primeiro contato com a realidade escolar, a qual os aproxima do contexto onde vão atuar enquanto profissional. Esse é o laboratório onde será vivenciada, de modo experimental, a realidade da educação básica.

É durante essa disciplina que o discente vive novas experiências e descobre como é a realidade escolar, analisando criticamente como resolver as possíveis adversidades e dificuldades que possam surgir na sala de aula.

Nessa perspectiva, entendemos que o uso de tecnologias nesse momento representou um método fundamental para a assimilação dos conteúdos, pois possibilitou uma aprendizagem mais dinâmica por se tratar de um recurso, o qual os alunos compreendem e fazem uso no seu dia a dia, de forma lúdica, e pode despertar interesse no aprender dos estudantes, bem como um maior rendimento do tempo em sala de aula e um enriquecimento maior sobre os assuntos trabalhados.

Dentro do que foi proposto, os alunos aceitaram de forma positiva a ideia e participaram com bastante vigor, o que possibilitou um retorno satisfatório por parte dos participantes que representaram a maioria.

Por outro lado, em seus relatos, os estagiários mencionam a dificuldade de alguns alunos terem acesso à plataforma de aula virtual pela impossibilidade de acesso, já que nem todos têm provedor de *internet* disponível em suas localidades, e muitos não dispõem de aparelho celular com acesso a essa tecnologia.

Tentando contornar os empecilhos encontrados no percurso das atividades do estágio, os estudantes em acordo com a professora decidiram disponibilizar um dia na semana, no horário da disciplina geografia, para atuar no ensino presencial com esses alunos, fazendo uso do laboratório de tecnologia da escola e, por conseguinte, suprir o conhecimento dentro das propostas já citadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca de aproximações com o objetivo da pesquisa, entende-se que as questões analisadas confluem para a necessidade de formar profissionais atentos para os saberes tecnológicos circulantes e que o estágio supervisionado no formato remoto faz parte do novo cenário educacional em que estamos envolvidos, como mais um recurso didático dando suporte aos docentes no processo de ensino e aprendizagem, além da construção

de novas habilidades aos discentes e que requer a necessidade urgente de discussão sobre essa modalidade de ensino no universo da academia.

Na fala da professora da escola pesquisada, é possível perceber o pensar crítico quando ela relata o despreparo da escola e das políticas públicas da educação nesse momento de pandemia, assim descrito: “não se trata apenas de ensinar os estudantes remotamente utilizando uma tecnologia sem que os professores compreendam o processo e mecanismo dessa ferramenta que irá ser trabalhada na aula. Esse recurso didático não foi visto durante a minha formação”.

Em outro momento, a mesma professora se refere ao ensino remoto no contexto da pandemia como “um ensino emergencial, não é EAD”, o qual, para ela, este último envolve “treinamento especializado para os profissionais que vão atuar nessa modalidade de ensino”.

Diante desses relatos, podemos perceber que é a partir desses condicionantes que os professores julgam sua formação universitária pelo que faltou no currículo e que, segundo eles, muita coisa da profissão se aprende com a prática, pela experiência, tateando e descobrindo. Em suma, esse processo de aprender se dá no próprio trabalho.

Outra questão emergiu no tocante à atuação do estágio supervisionado e à importância no formar e formar-se diante do despreparo das escolas, sobretudo, no quesito tecnologia para se trabalhar a educação, uma vez que os estudantes do estágio supervisionado, juntamente com a professora da escola, buscaram desconstruir o ensino tradicional procurando recursos didáticos com o auxílio da tecnologia. Nessa trilha, percebe-se que na relação indissociável teoria/prática, eles trouxeram para o contexto da escola outras metodologias para o ato de ensinar e aprender e, desse modo, dirimir os desafios enfrentados que os colocaram diante do novo e das exigências nesse formato de ensinar.

No que faz referência a esse enfoque, a pesquisa aponta que os jogos eletrônicos representam um importante suporte didático contribuindo diretamente para o ensino de geografia no ensino remoto. Ressaltamos ainda que, nesse momento de afastamento social, nem todos os jogos são destinados aos propósitos educacionais, portanto, sinaliza-se a relevância dos objetivos e propostas do professor para a utilização correta desse recurso didático.

É inegável que a aula remota trouxe perdas significativas para a aprendizagem desses estudantes no contexto da escola no que concerne à infraestrutura dos alunos que representa um fator limitador, visto que a

maioria desses estudantes acessa as aulas por meio de *smartphones* e não dispõe de um processador em suas localidades. Os estagiários da universidade, de um modo geral, embora em papéis diferentes, estão inseridos nos mesmos problemas, uma vez que, além de outros fatores, a pandemia impossibilitou a presença física dos alunos nas escolas e impactou diretamente a interação presencial nesse processo de construção de conhecimentos.

Nos dados obtidos, emerge fortemente a necessidade de ressignificar os currículos das licenciaturas, uma vez que esses apresentam lacunas no processo de formação para essas modalidades de ensino a distância que não são novas, mas foram impostas diante do contexto da pandemia. É, pois, imprescindível que haja um maior diálogo entre universidade e escolas do ensino básico em face dos desafios que lhes estão sendo impostos para uma atuação e formação profissional emancipatórias.

Diante dessa nova modalidade de ensinar nas escolas, seguimos enclausurados, reféns do porvir, além de ter que fazermos escolhas levando em consideração o contexto da pandemia e o que ela provocou em nossa vida. Ainda nesse viés, é notório assinalar que o mundo colocou outras formas de ensinar e desencaixou muitas coisas que estavam organizadas e estruturadas, há muito tempo, dentro de um determinado modelo na educação.

A pandemia fez uma reviravolta na sociedade e na própria humanidade e, sobretudo, na educação. Propôs novas formas de enxergar a educação, o outro e, em especial, o mundo. E quando passa essa tal da pandemia? Quem disser que sabe, estará se enganando, mas o importante é ter consciência do que está no futuro e que os desafios vão continuar. Temos que estar preparados para continuar esse caminho que queremos trilhar: o tempo novo. Eu preciso conferir sentindo as vivências desse novo mundo que se aponta. Ensinar e aprender são duas faces do mesmo processo.

Quanto aos enfoques contemplados neste estudo, partimos para a continuidade da pesquisa, uma vez que nossas reflexões somarão às outras pesquisas nessa área de estudo que, embora se debrucem sobre outras temáticas, têm as mesmas preocupações potencialmente relevantes por entender que a tessitura do conteúdo ainda tem uma longa caminhada no ato de escutar os estudantes do estágio supervisionado, a escola e a Instituição de Ensino no processo de formação de futuros professores.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=79611-anexo-texto-b-ncc-aprovado-em-15-12-17-pdf&category\\_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79611-anexo-texto-b-ncc-aprovado-em-15-12-17-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 27 set. 2020.

ALFARO, Lisandra da Trindade; CLESAR Caroline Tavares de Souza; GIRAFFA Lucia Maria Martins. Os desafios e as possibilidades do ensino remoto na Educação Básica: um estudo de caso com professores de anos iniciais do município de Alegrete/RS. **Revista Dialogia**, São Paulo, n. 36, p.7-21, st./dez.2020.

AQUINO, Estela M. L. *et al.* Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/csc/v25s1/1413-8123-csc-25-s1-2423.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edição 70, 2011.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Portaria n° 343 de 17 de março de 2020. Disponível em <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 07 de maio de 2020.

FREIRE, Paulo **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 16. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

KRAMER, Sonia. Entrevistas coletivas: uma alternativa para lidar com diversidade, hierarquia e poder na pesquisa em ciências humanas. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; JOBIM, Solange; KRAMER, Sonia Souza (Orgs) **Ciências Humanas e Pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin**. 2 ed. SP: Cortez, 2007. (Coleção Questões da Nossa Época; v.107). p.57-76.



MENDES, Iasmin Araújo Bandeira; ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de. Mediação tecnológica na educação: análise conceitual desta área de intervenção educacional comunicativa. In: CONEDU: Congresso nacional de educação, 6., **Anais**, Fortaleza, 2019. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO\\_EV127\\_MD1\\_SA19\\_ID8874\\_02082019143359.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA19_ID8874_02082019143359.pdf). Acesso em: 29 de jan. de 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

NIZ, Claudia Amorim Francez *et al.* A cultura digital presente na base nacional comum curricular (BNCC): discussões sobre a prática pedagógica. In: Congresso Internacional de Educação e Tecnologias | Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância, **Anais**, São Carlos-SP, 2020. Disponível em <https://cienteped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1605>. Acesso em: 26 de jun. de 2021.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência. São Paulo: Cortez, 2012.

RAMOS, Daniela. Jogos eletrônicos desejo e juízo moral: um estudo com adolescentes do ensino médio. **Revista psicologia teoria e prática**, v.14, n.1, p.97-112. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Acesso em 25 de nov.2020.

SILVA, Thaís Helena Nunes da; ARAÚJO, Bruna Gabriele de Oliveira; CRUZ Maria Lúcia Brito da. A experiência do estágio supervisionado: aulas remotas de geografia durante a pandemia. **Cadernos de Ciências e Tecnologia**, Fortaleza, v,2, n.4, p. 132–149, 2021. Disponível em :<https://revistas.uece.br/index.php/CCIT/article/view/5371>. Acesso em: 11abr.2021.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006. (Coleção debates 14).

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, v. 21, n. 73, p. 209–244, 2000. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4214>>. acesso em: 22/02/2021.